

O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário • 17 de Dezembro de 1988 • Ano XLV — N.º 1168 — Preço 10\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NATAL

«**N**ASCEU-NOS um Menino; um Filho nos foi dado.» É a Palavra do Natal. O nosso Ricardinho, de cinco anos e meio, irmão do Ilídio, com menos um ano, sempre que passa por mim pergunta-me pelas prendas. Está a pensar no Natal. Seus olhos brilham mais e seus lábios sorriem quando lhe respondo que já falta pouco tempo.

Diante de mim, passa o Natal vivo. Posso dizer: «Nasceu-nos um Menino; um Filho nos foi dado». Vejo no pequeno o Menino e o Filho.

Ele fala-me do Amor que desce, como uma **Criança** frágil, à história de cada homem.

O Natal é a festa do abraço do pequenino com o mais velho. Do mais fraco com o mais forte. Como? — «Sendo rico Se fez pobre por nós, a fim de nos enriquecer pela pobreza.»

Vamos viver esta mensagem?!

Não podemos realizar uns actos piedosos, sem uma preocupação séria e com repercussões no nosso viver e por quanto acontece à nossa volta.

A festa do Natal é única. Contém algo de muito íntimo que nos chega ao coração. Costumes e circunstâncias deram-lhe uma inegável carga emotiva. Os nascimentos, os cantares que saem dos lábios do nosso povo, ou transmitidos pela rádio, em discos ou cassetes; a árvore do Natal, a reunião familiar, o calor do lar, fazem com que a festa do nascimento de Jesus, mais que nenhuma outra, se passe dentro dum clima especial, tanto em família como na rua.

Tudo isto, porém, não basta para que se possa falar de uma verdadeira celebração do Natal, se se fica simplesmente a nível de puro sentimento, sem uma orientação cristã da vida.

O Ricardinho fala-me da Verdade escondida no Menino e no Filho. — Veio para unir. «Recebeu-nos a todos, desde o momento do Seu nascimento, e envolveu cada um de nós no Amor eterno» do Pai.

Será que entendemos este acontecimento? Que alegria poder transmitir esta vivência da festa do Natal, onde aparece o Menino nascido na manjedoura e o menino nascido na escarpa do Barredo.

Que lindos eles são! Um está escondido no outro. O menino do Barredo não está perdido porque o Menino de Belém foi ao seu encontro.

Vamos viver o Natal deixando que o Filho nos salve, fazendo-Se Menino em cada um de nós?

Padre Manuel António

TRIBUNA DE COIMBRA

Neste tempo de preparação para o Natal, o Menino Jesus trouxe-nos pedidos de muitas prendas para a Sua Festa. Foi uma semana cheia!

Na sexta-feira, à noite, chegaram dois pequeninos: um, de quatro; outro, de cinco anos. Vieram da Covilhã. A mãe abandonou a casa e juntou-se com um familiar. Levou consigo só o pequenino de colo e deixou os outros seis entregues ao pai. Doeu-me muito o coração quando, após dois dias, ouvi o mais pequenino a chorar: — *Quero o meu papá!* Nestes anos todos nunca os meus ouvidos escutaram algum chorar pelo pai.

Continua na 4.ª página



O Natal é a festa do abraço do pequenino com o mais velho, do mais fraco com o mais forte.

AQUI, LISBOA!

«Felizes os que se deixam apaixonar pelos Pobres! Nós não temos no mundo outros vestígios de Cristo. Não há ninguém que o Mestre tanto tenha encarecido.» (Pai Américo)

Sai este número d'O GAIATO a uma semana do Natal, altura propícia, por excelência, para olharmos à nossa volta e fazermos o balanço do que temos feito ou omitido em favor dos nossos irmãos mais necessitados. É que, quer o entendamos ou não, há sempre gente mais pobre do que nós, seja em bens terrenos ou outros, a urgir a nossa atenção e a nossa solidariedade, independentemente de qualquer reconhecimento ou gratidão.

Se são de exigir respostas adequadas e abrangentes por parte do Estado em relação a todos os tipos de carências, muitos outros aspectos pedem uma acção individual ou de pequenos grupos. Consolar os tristes, visitar os enfermos, dar um pouco de calor humano aos solitários, ou encarcerados, em suma, dar sentido prático às obras de misericórdia espirituais e corporais, é uma tarefa que os cristãos devem considerar como responsabilidade permanente, individual e colectivamente. Quem existe só para si, esquecendo os outros, limitando-se a palavras e não procurando agir, terá de responder um dia pelo seu comportamento, não tenhamos dúvidas disso.

Vivemos numa época de ostentação e de luxo escandalosos, em que o egoísmo é patente a todos os níveis.

Altos responsáveis referem-se a isso, nas suas intervenções públicas, mau grado a incoerência existente entre as palavras e o modo de actuar. A delapidação dos fundos que a todos pertencem, constitui um pecado de bradar aos Céus, enquanto se verificam as lacunas mais atrozes, no campo da habitação, da saúde e de outros sectores vitais do bem comunitário. Os maus exemplos dados pelos estratos possidentes, à luz do dia, são, por outro lado, convidativos a seguidismos ou cópias das classes menos favorecidas, o que vem agravar o caudal de desgraças.

O Natal, em nosso entender, lembra a extensão a todos os homens do Amor de Deus, sem acepção de pessoas. Portanto, mais paz, mais justiça e mais fraternidade são imperativos que dele dimanam. Tudo isso, porém, supõe um suporte moral que a Encarnação traz subjacente, na observação dos Valores que, infelizmente, cada vez mais se diluem ou ausentam, com resultados dissolventes e desagregadores bem visíveis.

Há mais dinheiro nas mãos das pessoas, é certo. Diríamos, porém, que para lá de uma má distribuição — vejamos as reformas ou pensões de miséria de muitos cidadãos e a desigualdade das possibilidades de

Cont. na 2.ª página

PELAS CASAS DO GAIATO

NOTÍCIAS DA CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

• A reconstrução da moradia para os Pobres vai entrar na segunda fase. O mestre d'obras já previu custos: mais de duzentos contos, incluindo serviço de electricista e picheleiro. «Eu não quero ganhar nada, nesta obra!» — torna a afirmar, de consciência motivada para uma estrutura que solucionará problemas dos sem casa.

Que não fosse mais — e é tanto! — só por se dar oportunidade a um pequenino empresário de fazer o Bem sem olhar a quem, valeria a pena termos fechado os olhos e andarmos para a frente. A grande lição de Pai Américo: Eliminar fronteiras na alma dos adormecidos perante as carências do terceiro mundo, quiçá à beirinha da porta...

Vamos arrancar para o fim, graças a Deus e aos leitores! Outro ninho para quem não tem onde encostar a cabeça — talvez numa barraca ou na borda do caminho... São tantos, pelo País fora!

• Pode lá fazer poesia, quem está amarrado à cruz dos Pobres! A alma transbordada o que vê, sente e ouve — qual voz dos sem voz. Não omitimos queixumes. Tampouco, as alegrias deles — na Justiça e na Caridade.

À nossa frente uma envelhecida mãe, cheia de problemas. Tem o filho doente e precisa de 9.074\$00 para remédios, cujos preços sobem desmesuradamente; não falando, já, na dança de serem ou não participados pela Segurança Social. Danças que a gente não compreende muito bem e espremem o bolso dos Pobres. — *Q'hei-de fazer, s'eu não posso... meu Deus!?* Diariamente, quantos sofrem esta angústia?! Dor que precisa ser escutada, religiosamente, como se fosse da boca da nossa mãe. Não é preciso dizer mais!

• As responsáveis do Movimento Esperança e Vida — que reúne 10.000 viúvas — mandaram uma preciosa obra do Dr. Aires Gameiro, *Novos horizontes da Viuvez*, lançada pelas Edições Paulistas e dedicada aos «500.000 viúvos e viúvas portugueses, aos 40.000 que cada ano enviúvam, aos seus filhos e filhas». Um magnífico trabalho dividido em cinco partes: Crescimento nas crises; pré-enlutamento dos enviúvados; viuvez e oportunidade de novo projecto; viuvez: alguns riscos; a viuvez: risco e oportunidade para a fé.

Em suma: «Este livro é uma autêntica novidade no panorama editorial português. Destina-se a pessoas em crise, a famílias deficientes e doentes graves, viúvos, viúvas, seus familiares ou acompanhantes que encontrarão nele um guia precioso e um apoio para relançarem o projecto da sua vida. Abrange uma classe de pessoas quase completamente esquecidas, tratando das reacções e projectos de vida na viuvez, do sentido de vazio e necessidade de apoio neste estado de vida. É um livro de referência para muita gente, inclusivé para os humildes recoveiros dos Pobres.

PARTILHA — Assinante 20631, de Monte Gordo, sufraga a alma de pessoas de família com cheque de 2.000\$00 «para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». A habitual remessa, de Santa Cruz do Douro, «para um autoconstrutor».

A propósito: Enquanto todo o mundo descansa, noite dentro, entra-nos pela janela o ranger de máquinas na moradia

de um Autoconstrutor — funcionário camarário — mãos dadas à família e amigos. Uma gesta heróica! Pena serem poucas as edildades que põem lotes infraestruturados à disposição dos trabalhadores! Aliás, no domínio público, parece que há uma certa resistência à Autoconstrução! Porquê?

Fundão: «Como já recebi o subsídio de Natal, a mensalidade de Novembro vai a dobrar para incluir o subsídio de Natal dos Pobres» — 8.000\$00. «Avó de Sintra» afina pelo mesmo diapasão, «pois como o Estado me deu a mim, é meu dever reparti-lo com quem penso, e creio ser, bem necessitado».

«Uma assinante de Paço de Arcos» manda dez contos «com saudações fraternas» e afirma: «Neste Natal/88, que se avizinha, era bom que o mundo recebesse finalmente o Menino que veio para os que eram Seus, os Homens. Mas se mesmo nós, cristãos, O recebemos por vezes tão dificilmente...»

Durban (África do Sul), vinte rand. Mil, da assinante 28053 e «perdoai a insignificância». O amor aos Outros é assim mesmo! Vancouver (Canadá): vinte dólares canadianos. Assinante 9790, de Oliveira do Douro: «Junto uma pequenina ajuda (4.000\$00). Peço uma oração ao Senhor por todos os nossos Irmãos que sofrem para que os ajudemos a levar a sua cruz e, assim, se sintam amparados por braços amigos».

Assinante 9550, do Porto, cinco contos; «são tantas as necessidades!», exclama na carta. Mais dois contos acompanhados dum singelo cartão de visita e uma rica legenda: «Para os nossos irmãos em Cristo»; assina: «Uma aposentada». Assinante 8632, também dois contos. Mais cinco, de Venda do Alcaide, assinante 16696, que não deseja se acuse recepção, «nem que o meu nome seja mencionado de qualquer modo».

Casal assinante 29756, do Porto: «Tendo bem presente o que vamos sentindo através do querido O GAIATO, e bem presente, também, a pequenez desta sociedade actual, em que nós, casal signatário, também estamos incluídos (os nossos egoísmos, os nossos descuidos, as nossas faltas de presença, etc.) um-nos lembrado» dos Pobres. «Juntamos um cheque», dividido por vários sectores «e muito obrigado a O GAIATO por aquilo que des-



Casamento da Amélia e do Jaime, que foi da nossa Casa de Benguela.

perta em nosso coração». Testemunham o Matrimónio cristão!

Em nome dos Pobres, bem hajam.

Júlio Mendes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Geralmente, a palavra *solidão* poderá ser tomada como sinónimo de terceira idade. Quantas pessoas, em todo o mundo, acordam de madrugada e ao olhar em redor, apenas vêem a angústia e a dor do vazio, passam o dia a arrastar-se (se não fisicamente, pelo menos espiritualmente) de um lado para o outro, apenas vendo quatro paredes, a vida no fim e, contrariamente, outras vidas a principiar do outro lado da janela, quando pequenas crianças brincam, gritam, riem e choram; mas a ilusão dura pouco porque a janela não é um espelho, mas sim um vidro transparente como qualquer outro.

Sim, realmente a solidão é um sinónimo de terceira idade e, embora velhos e acabados de corpo, não deixam de ser pessoas! Têm direito à vida como qualquer um e não é de ninguém o direito de lhes tirar o pouco que têm; bem pelo contrário, todos nós temos a obrigação de os ajudar quando necessitam e quem ainda não o experimentou, faça o favor! E verá que não estará apenas a ajudar os Outros, estar-se-á a ajudar a si mesmo.

Becas (filho dum casal vicentino)

O Natal e o Inverno estão a chegar. Gostávamos de dar uma lembrança e agasalhos, principalmente de cama, mas temos falta de dinheiro e outras coisas.

Agradecemos todas as vossas ofertas: Assinante 32699, 30.000\$00; anónimo, 5.000\$00; de um casal da Corujeira, 2.000\$00 para a casa de Miragaia e a da Bandeirinha; Etefvina, dois cobertores; Flora, roupa de cama. Maria Bernardette dará uma grande ajuda: o leite para as gémeas; assinante sem número, dois enxovais também para as gémeas.

Bem hajam.

Augusto e Germana

AQUI, LISBOA!

Cont. da 1.ª pág.

acesso a bens essenciais doutros tipos — se caminha para o descalabro moral total. Fabricar dinheiro, passe a expressão, é a grande preocupação da generalidade e todos os meios servem para atingir os fins pretendidos, nem que se venda a alma ao diabo corrompendo os indivíduos e nomeadamente a pobre da juventude.

Anunciam-se, no momento em que escrevemos, as festas e os eventos mais variados, em que rios de dinheiro vão ser gastos a pretexto dum acontecimento transcendente que é a comemoração do nascimento do Salvador, mas que, ao contrário, será vivido, na sua maior parte, como ocasião de perdição. O Natal, diremos, assim e deste modo, não pode estar presente e será, quando muito, uma palhaçada farisaica.

Há muita gente que confunde Caridade com *caridadezinhas*. Aquela, porém, *supõe a Justiça* e o sentido pleno dos Outros. Sem ela o mundo será sempre deserto de calor humano e de fraternidade. Outros pensam que é um estorvo alienante, para desculpar as pessoas das responsabilidades que lhes cabem. Mas como, se ela significa Amor e se este, no dizer de S. João, sob pena de ser mentira descarada, abrange Deus e os Irmãos?!

«Felizes os que se deixam apaixonar pelos Pobres!», diz Pai Américo. Mas Pobres são todos aqueles que sofrem na sua carne ou no seu espírito a ausência dos mais diversos tipos de bens, materiais ou outros. A felicidade dos homens não se mede apenas pelos índices económicos ou de desenvolvimento, como o comprovam as elevadas percentagens de suicídios, por exemplo, nos países considerados mais ricos, sendo até verificável, facilmente, que nos grupos abastados, muitas das vezes, não há bem-estar e não reina a paz e a harmonia.

Por nós, mau grado o desgaste e os anos, estendendo embora a todos os homens o coração e a mente, vamos continuar a

apostar directa e verdadeiramente nos Pobres que nos estão confiados e os que residem na Comunidade. Como? Entregando a vida totalmente ao seu serviço, o melhor que pudermos e soubermos, que o Natal é para festejar a todas as horas e momentos.

CAPELA — Entrou na fase de cobertura, já se vislumbrando o que vai ser. Entretanto, no seu espaço, entre madeiramentos, colunas e vigas, já temos feito subir ao Alto as nossas orações, ainda que pobres e humildes, lembrando todos os nossos Amigos, vivos e mortos, que a tornaram possível, ajudando-nos a passar do sonho à realidade.

Padre Luiz

CARTAS

«Há mais de um ano mandei um pequeno donativo para os «nossos» rapazes e tiveram a gentileza de me enviar todos os livros que têm publicado e de me fazer assinante do vosso jornal.

Creio que nem agradei na altura, o que me tem pesada.

Entretanto, já li quase todos os livros, que tanto bem me têm feito, bem como o jornalzinho! Sinto que esses rapazinhos também são meus. Há muito que lhes devo o cheque que agora mando, que distribuirão como bem entenderem, ou aí ou nos

Pobres que também socorrem.

Desejo a todos boa saúde e felicidades. Por mim peço que me conservem no anonimato. O ir tendo notícias vossas pelo O GAIATO é paga que me compensa.

Deus os continue a ajudar a todos e... não esmoreçam.

Assinante 45668»

«É vosso conselho que paguemos a assinatura do Jornal por ocasião



SETÚBAL

• O Luís Emanuel é da obrigação da salinha, de onde descansa nos dias de venda do Jornal. Não quer que lhe chamem «Valete». A malta é que lhe pôs o apelido e o rapaz vai aos «arames» quando ouve: — Ó «Valete»!...

Tem de limpar a sala, a despensa e o corredor, lavar a loiça, pôr a mesa e servir.

Por acumulação, o serviço da minha mesa, no grande refeitório dos rapazes, está também ligado à sua tarefa. O Padre Cristóvão reavivou o costume de chamar para a nossa beira, durante a refeição, os que fazem anos. Não que a comida seja diferente, mas sim o modo de estar. Os mais novos deliciam-se com a promoção e o particular carinho de que são alvo no seu aniversário.

O Nelson Brunó fazia anos! Como temos sofrido muito, um com o outro, sentia-se retraído e, da sua mesa, lançava-me um olhar furtivo, perscrutando a minha disposição. Um levíssimo aceno de cabeça bastou para que, radiante, se viesse sentar à minha direita.

O Nuno, de quatro anos, com o à-vontade de quem manda no mundo, carregado de ternura para dar e receber, senta-se à minha esquerda, deixando vago o seu lugar junto dos outros pequenos.

O Luís, terminada a serventia indispensável, ocupa a sua cos-

tumada posição na minha frente.

Nessa noite, para o jantar, a senhora fez dieta e mandou também para a nossa mesa uma pequena travessa de arroz branco e um bife médio partido ao meio.

O aniversariante, sem cerimónias, levantou-se, serviu-se bem, escolhendo para si o pedaço maior do bife. Não era dia para lições. Quedei-me mudo, deixando o festejado à sua vontade.

Da outra parte mais pequena do bife, parti uns bocadinhos para o Nuno e para o Luís, dividindo o arroz pelos três de boamente. Nisto, apareceu o Ricardo, de dois anos, com o seu prato e garfo exigindo também o seu quinhão e lugar. Pus-lhe o babete, ajudei-o a sentar e preparava-me para repartir com ele do meu prato quando o Luís, adiantando-se, emborca toda a comida do seu prato no do Ricardo!... Fiquei de boca aberta prò Luís, totalmente consolado com a sua generosidade e feliz pela lição que deu ao mundo: Ficou sem nada, deu tudo ao mais pequenino!...

O Evangelho, na Casa do Gaiato, saído do coração de uma criança da rua com 12 anos de idade!

Ai que se o mundo entendesse estas lições!...

Se, ao menos os cristãos,

fossem capazes de «ver o que nós vemos e ouvir o que nós ouvimos!»! Como seriam felizes!...

• Mais uma vez o Lion's Club de Setúbal promoveu a sua «Feira da Ladra» a favor da Casa do Gaiato.

Sei que esta iniciativa anual, nasce do amor antigo e sempre crescente que os seus elementos sentem pelos rapazes e que, pessoalmente, não se fica pelo

resultado desta realização. Alguns, de há muitos anos, sentem-se na obrigação de contribuir, secretamente, ao longo do ano, para as nossas largas despesas. Daí que lhes saiam do coração expressões de compromisso: «A nossa Casa do Gaiato», «Os nossos rapazes».

Todos os anos, pela altura do Natal, trazem, com o cheque da feira, a sua fraternidade e partilham dela com todos, sentando-se à mesa com os pequenos e os grandes, servindo-os, acarinhando-os e comendo com eles da mesma comida e nas mesmas loiças e mesas.

Gosto de ver estas pessoas

preocupadas em arranjar dinheiro para os Pobres, desta maneira. Se fosse um grupo cristão, ou religioso, não me agradaria tanto. Rejubilaria mais de ver os cristãos empenhados na acção directa com os doentes, os abandonados, os caídos social e humanamente, na visita, no acolhimento, na construção de casas ou outros abrigos, na doação do seu tempo, das suas faculdades e capacidades, da sua fé...; não tanto em acções que visam, primeiramente, angariar fundos.

Que este grupo, de inspiração meramente humana e altruísta, se dedique, desta forma, à causa dos Pobres, merece todo o nosso louvor!

Padre Acílio

CALVÁRIO

☆ Era uma vez um menino. Conheci-o numa tarde de Natal. Seu pai tinha-lhe posto no sapatinho um lindo carro teleguiado.

O planalto malanjino rebrilhava ao sol da tarde! Os gaiatos da nossa Aldeia brincavam no largo alcatroado com seus carrinhos feitos de bambú, molas de aço e rodas de alpercatas velhas.

Numa alegria festiva, cada um puxava pelo fio preso ao seu tractor, automóvel, ambulância ou camioneta... tudo feito por eles com entusiasmo e imaginação criativa.

Reparei, então, no belo menino de cabelos atrevidos, mas triste, tão triste! O carro sofisticado jazia em suas mãos como boneco de trapos.

☆ Verdadeira alegria!

Se as nuvens chovessem o Justo em cada coração, por certo, haveria mais alegria, mais luz e mais justiça em todos os caminhos.

Atentos, portanto, à brisa mansa, pois o Senhor não tem rosto. Vem num silêncio de estrelas e oculto pelos painéis das nossas montanhas: montanhas de coisas, de preocupações, de ideologias e de devoções fanáticas.

Descerá a todos os presépios e nascerá em cada coração, somente — somente, sim! — se nós O descobrirmos e O acolhermos dentro de nós.

Estará em cada um dos nossos passos quando nos identificarmos com Ele.

Então, em cada passo, um Natal de Luz e de Alegria.

☆ Sete gaiatos, suas esposas e eu formámos uma Conferência Vicentina para assistirmos os Pobres nas mesmas zonas onde o nosso Pai Américo o fazia. Já tem quatro anos.

Na última reunião falámos do



Um grupo de doentes do Calvário

Natal nos becos de Miragaia, rua F. Soares, rua da Vitória e casarão da Bandeirinha. Ruas sem pinheiros, sem sol, sem lua e sem presépios... E bem perto das montras bonitas! De tantas sobras! De sinos que nem ouvimos!

Compre menos um bolo... Menos um brinquedo... E manda num vale ou cheque para: Conferência do Lar do Porto, Rua D. João IV, 682 — 4000 Porto. Um santo Natal!

Padre Telmo

do nosso aniversário natalício, para não esquecer. Pois é. Só que, às vezes, surgem problemas que nos desviam a atenção.

Com três semanas de atraso, aqui vai a assinatura de 1988. Não acusem a recepção. Eu sei que não há extravio do cheque pelo desconto que aparecerá na caderneta da C. G. D.

Não sou pessoa com voz para me pronunciar, mas apetece-me dizer do muito carinho e apreço com que leio O GAIATO que, em certos números, fala de cátedra! Que lições: de amor, de abnegação, sei lá! Não vou entrar em mais sinónimos nem em adjectivos.

Rezo para que o Senhor vos ajude e ilumine e que a Obra da Rua vá encontrando os obreiros que «queiram perder a vida para a ganhar!»! Quão difícil deve ser!

Assinante 30848»

«Creio que estou em falta há um par de anos no que respeita a O GAIATO e à Editorial porque, quanto ao resto, não «creio», tenho a certeza!...

Em contrapartida, vou tendo o privilégio de receber quer os livros do Pai Américo quer o

nosso Famoso, cuja leitura é — infelizmente para mim — o único contacto regular que mantenho com a Palavra do Senhor. Quanto mais não fosse, por isso o meu reconhecimento e a minha gratidão.

Recebi, agora, indicação de que está em pagamento o imposto «complementar», uma importância dupla daquela que esperava. Imediatamente o meu pensamento foi para vós e para os que nem «complementar» pagam e que nem para sobreviver com o mínimo têm que chegue.

Antes que o fisco me leve o resto, aqui vai uma migalha para ajudar às despesas do Jornal e dos livros; e, se algo sobejar, para ajudar a tapar um «buraco» dos pequenos...

Não vos faço perder mais tempo nem quero maçar mais. Apenas quero renovar os meus agradecimentos pelas graças que vou recebendo através da Obra da Rua que, de há muitos anos, continua a ser o farol, o único referencial autêntico da minha pobre vida espiritual!

Que as bênçãos do Senhor continuem sobre vós em abundância.

Assinante 9854»

RETALHOS DE VIDA

«NANDINHO»



Sou o Fernando Manuel Gomes Lopes. Tenho por apelido: «Nandinho»; e nasci em 1975, na Trofa. Vim para a Casa do Gaiato porque a minha mãe não me podia criar.

Quando for grande gostaria de ser mecânico de automóveis.

Fernando Manuel Gomes Lopes («Nandinho»)

Novos Assinantes de O GAIATO

Para além da Mensagem lançada em terras de Azeméis, o nosso Padre Carlos trouxe mais quatrocentos novos leitores de Pinheiro da Bemposta, Santiago de Riba Ul e S. Roque. Aceite aos pés do Altar, a leitura d'O GAIATO terá um sabor mais transcendente.

Já que falamos de inscrições em grupo, o nosso Padre Luiz acompanha, também, uma série delas, especialmente da Capital.

Curiosa, uma lista da Régua — Capital do Vinho do Porto — onde, aliás, poderia haver mais leitores do Famoso.

O assinante 22855, de Santo Tirso, mandou sete e uma prece: «Que Deus me guie na minha vida e seja Presença em todos os meus actos». Um homem de Fé!

Outra lista, com dez, da região dos Carvalhos, implicitamente com fogo do Padre Barros.

Registamos muitas inscrições directas. Algumas, tão expressivas!

Newark (América do Norte): «Fiquei órfão muito jovem. Sei quanto sofre todo aquele que fica sem o carinho de pai e mãe. Era pequenino e órfão quando o Pai Américo faleceu no Hospital de Santo António, a poucos metros de onde eu vivia.

Mais tarde fui para África. Regressei sem nada, por razões que

não vale a pena pensar. Há poucos anos, emigrei para este país (América do Norte) e pedi a direcção d'O GAIATO ao jornal o Emigrante, que de imediato me enviou. Agora, segue um pequeno cheque; mas, se Deus quiser, outros seguirão».

Beja: «Venho pedir o envio d'O GAIATO. Encontrei uma pessoa que mo deu a ler, gostei e quero ser assinante. Não mando nada, agora, mas seguirá mais para a frente».

Ermesinde: «Quero fazer parte do grupo de assinantes d'O GAIATO. Mas continuarei a comprá-lo no serviço onde trabalho, para tentar, com ele, aliviar o sofrimento de alguns colegas de profissão. Bem haja O GAIATO por tudo o que faz!»

Continua a expansão do Famoso no seio das famílias portuguesas. Ouçam a assinante 17036, de Silves: «Vou fazer um pedido, se for possível: Gostava que mandassem o jornal para a minha tia, que faz 60 anos. Cá estou, de novo, a agradecer O GAIATO, luz que entra pela casa dentro. Faz bem e dá Força para enfrentar o dia-a-dia».

Um resumo, muito sintético, da procissão!

Júlio Mendes

TRIBUNA DE COIMBRA

Cont. da 1.ª página

Ontem, chegaram mais dois: um, de oito; outro, de cinco anos. O Tribunal de Menores de Coimbra pediu o seu acolhimento. Foram encontrados numa barraca-capoeira, num dos grandes e vistosos bairros da cidade; manhã gelada, quatro crianças definhadas e o mais novo, de poucos meses, a esvaír-se em sangue! Levaram-nos para os Hospitais e foram tratados. Os três mais novos nem estão registados. A mãe não sabe quem são os pais e, na sua pouca capacidade, procura ganhar, assim, a vida. Fiquei muito magoado quando, ontem, a vi em nossa Casa rodeada dos três filhos e com o quarto ao colo. Irá ficar sem nenhum e tenho muito medo da sua «liberdade».

No sábado, fui com o Tonito a casa do Zé. Dos seis filhos só estavam dois com a mãe e procuravam arrumar a casa, que parece já não ter arrumo. É uma família de deficientes a quem se deu uma casa nova. Faltam ali mãos de senhoras daquela aldeia que, com muita paciência, queiram aconchegar. Ainda não tem energia eléctrica e foi isso que lá nos levou. Espero que o Natal deles seja mais iluminado. Assim lhes prometi e seus olhos ficaram risonhos de esperança.

No domingo, no fim da Missa, o Menino Jesus continuou. A senhora Rosa veio por causa de telhas que estão partidas em sua casa e da conta da loja, bastante atrasada. «Se o sr. não me ajudar, a gente morre à fome».

A mais velha das irmãs perguntou se eu estaria na segunda-feira de manhã para lhe dar o dinheiro para os almoços na cantina escolar. Fico sempre com a certeza de que, ao menos, comem uma vez por dia.

A mulher de um desempregado pede à quantia que lhes falta para tratar dos papéis do futuro emprego. Situações de muita angústia em que os casais caem. Que pena!

No fim do almoço começaram a chegar elementos do coral de Santa Cruz. Ofereceram um magusto e merenda muito docinha e uma tarde de convívio.

À tarde, um grupo de Amigos de Castelo Branco que, com muitos sorrisos, deixou uma mão-cheia de notas.

Queremos continuar a preparar o Natal. Que Jesus Menino encontre os nossos corações limpos e abertos. São os nossos votos de Natal para todos.

Padre Horácio

DOCTRINA



A esmola há-de dizer com a situação de quem a recebe

• É coisa tão doce e tão santa o dar, que nos parece, à primeira vista, não haver mal nenhum em largar o coração e prender a inteligência — e não é verdade. A dádiva prudente nunca se aparta da condição do nosso Pobre, nem pelo seu preço nem pela sua qualidade, não vá a gente, com dádivas de luxo, mostrar ao Pobre um mundo regalado que ele nunca sonhou; e assim partirmos o nariz, cuidando que nos benzeamos.

• Se nesta coluna do jornal coubessem nomes de quem dá, eu havia de publicar o daquela senhora que me ofereceu o enxoval mais completo e mais inteligente que até hoje tenho recebido; enxoval pobre para Pobres. Fui entregá-lo pessoalmente àquela mãe pobre que tem consigo a riqueza de pisar a sala de operações sempre que lhe cabe a sorte de dar mais um homem ao mundo! Desembruhou e mostrou aos presentes num «ai que sou tão rica, meu senhor!» E é infinitamente mais rica, ela, do que um mundo de mulheres do nosso tempo que fazem violência à vontade de Deus, jogando as cartas, nesciamente, como quem tem na mão todos os trunfos; e, por isso mesmo, com a glória da maternidade perdem também a partida.

• Mais dois pequeninos de mesa posta; já chegaram à primeira dezena. Esse que aí tem, senhora da rua dos Militares, é irmão de oito que moram um nadinha abaixo da sua casa. Se os visse, melhor havia de saborear o bem que lhe faz. Não se arrependa de lhe ter aberto as portas, que talvez por elas Jesus entre em sua casa.

Padre Américo

(Do livro Pão dos Pobres — 1.º vol.)

HABITAÇÃO — problema primeiro

É o primeiro domingo de Dezembro. Os vendedores d'O GAIATO saíram do Lar para a sua missão, rente às oito. Uma hora depois, entravam outros, de gerações passadas, alguns já avós, responsáveis pela Cooperativa de Construção, que vinham, vários de longe, trabalhar para que ela seja uma realidade o mais breve possível.

Os Estatutos estão feitos e retocados, depois de exame pelo Instituto António Sérgio e aguardam escritura notarial e publicação no Diário da República para que a Cooperativa seja sujeito jurídico capaz de actuar. Trabalhos prévios, de natureza burocrática, a que ninguém se furta e que servem de aviso e de preparação para os trabalhos maiores, embora mais sedutores, que virão no erguer das casas.

É uma consolação para nós o encontro com estes moços a rondar os cinquenta anos que, tendo já resolvido o seu próprio problema de habitação, se levantam cedinho e aproveitam a manhã de domingo para tratarem do problema de outros que, por si sós, não conseguiram nem estão em vias de conseguir solucioná-lo.

A sua grande preocupação — a que nos não poupam — é a dificuldade de muitos, justamente os mais carecidos de morada condigna, para agarrarem o benefício que se pretende abrir, mas que ainda lhes não é proporcionado sem apoios supletivos ao financiamento que poderão obter pelas vias normais em consequência da pequenez do seu salário. A Obra está alerta e está aberta a esta suplência, mas é evidente que com grandes limitações.

Todos os esforços em regime de voluntariado que visam desembaraçar as imensas teias em que se debate, presa delas, grande parte

das nossas populações, são um apelo digno de resposta aos Poderes Central e Autárquico, que deverão debruçar-se empenhada e rapidamente sobre este fundamental problema.

O ano passado, a propósito do centenário de Pai Américo, no nosso jornal e directamente, sugerimos naquelas instâncias a atenção a este problema e a tomada de medidas simples e eficazes, adequadas à capacidade de realização das nossas gentes, como uma substancial homenagem, certamente muito mais conforme ao homenageado do que outras que então eram propostas. Foi ponto omissão.

Há uma semana, em reunião promovida pelas Faculdades de Engenharia e de Arquitectura do Porto, técnicos e alguns autarcas juntaram-se dois dias para debater este tema: «Portugal — País ameaçado pela construção clandestina. Trata-se, na verdade, de uma lesão grave no tecido urbano, particularmente em áreas geradoras de emprego como Santa Maria da Feira, Espinho, Gaia, Porto, Matosinhos e outras localidades do litoral norte», com «perigo de degradação em massa do habitat humano». Procurou-se avaliar «os grandes factores (políticos, económicos, sociais e culturais) que favorecem a proliferação dos clandestinos». E chegou-se à conclusão genérica de que o mal provém da omissão: «um divórcio por parte das autarquias relativamente à permissibilidade na proliferação dos clandestinos nas zonas limítrofes dos concelhos»; «falta de resposta breve e adequada a cada caso»; e a «ausência de legislação ajustada e eficaz e evidente incapacidade de intervenção» por parte da Administração Central.

Os títulos das duas últimas comu-

nicações eram mesmo elucidativos a este respeito: «Os clandestinos como reflexo de ausência política» e «Aprender com os clandestinos».

Aprender com eles, sim: «Compreender as causas da construção

clandestina para depois se poder combater esta tendência». É que eles realizam! Mal, é verdade; mas realizam. Se este dinamismo encontrasse «uma colaboração estreita do Poder Central, através de uma legislação mais adequada à realidade nacional, e o apoio dos municípios, que não tem existido», as forças que foram desencadeadas e conduziram a uma má solução, poderiam ter sido eficientes de outra, de razoável qualidade, que satisfaria melhor os objectivos dos que a empreenderam e não seriam nódoa que afecta toda a comunidade e nem sequer pesariam muito nos orçamentos públicos.

Estamos, pois, diante de um pecado de omissão que é necessário remir quanto antes.

Padre Carlos

Livros de PAI AMÉRICO

Pão dos Pobres (três volumes; o 2.º, esgotado); Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato (dois volumes); Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina (três volumes); Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.

«A minha actividade profissional levou-me aos confins da Micronésia, no longínquo Pacífico, mais ou menos no outro lado do mundo. Por lá andei, pulando entre várias ilhas onde ainda resta alguma coisa do que teria sido o Éden. Entre os livros que levei para ler nas longas horas dos serões, nos fins-de-semana e nas intermináveis esperas em aeroportos onde os aviões chegavam e partiam quase sempre com atrasos, contavam-se duas obras do Padre Américo: Cantinho dos Rapazes e De como eu fui. Não imaginam o sabor da palavra ou, melhor, da mensagem de tão grande espírito, lida e meditada longe da pátria e em locais tão exóticos! Eu viajava sozinho, mas acabei, assim, por ter por companheiro de viagem uma tão grande alma. Na realidade, senti-lhe a presença viva através das suas palavras. Como Deus é grande!

Assinante 20463»

DOUTROS AUTORES: Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; Calvário, Padre Baptista (esgotado); A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; O Lodo e as Estrelas, Padre Telmo Ferraz.

EVOLUÇÃO

O GAIATO evolui, definitivamente, para as novas tecnologias: Substituímos a velha Intertype, que formou muitos linotipistas ao longo de trinta e tal anos, pela fotocomposição; e a impressora tipográfica, por uma Offset.

Quanto a papel, é o que é (não pode ser melhor com preços à CEE). Neste aspecto, qual país do terceiro mundo, continuamos a vender os ovos (matéria-prima: lenha ou pasta)... e compramos as omeletas (papel). Todavia, parece já se estar a dar fé do gato. Assim seja! Apesar de tudo, como é óbvio, o jornal tem outra vista. Condimento necessário aos 70.000 leitores que devoram o pequenino Famoso.

Júlio Mendes



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel